

## D. W. WINNICOTT: A Teoria dos Espaços – A Zona Intermediária entre a Realidade Interna e a Realidade Externa

Karla Ferraro<sup>1</sup>

Qualquer analista que se proponha a estudar a teoria winnicottiana, deve ter em mente que a aparente simplicidade de sua linguagem encerra uma complexidade singular. Este autor retoma a tradição psicanalítica com liberdade e criatividade, dando ênfase ao *pensar* profundamente humano que envolve a realidade e os problemas dos relacionamentos primitivos.

Mesmo que Winnicott não tenha utilizado em sua obra o termo Intersubjetividade e a palavra Sujeito, não seja de uso corrente, parece-nos claro que construtos teóricos como Objeto Subjetivamente Concebido, Objeto Objetivamente Percebido e Espaço e Objetos Transicionais, contenham em sua história a idéia de um Sujeito e de um Outro (empírico, real) e de um Terceiro Espaço ou Zona de Experiência. Já ao final dos anos 20, com os estudos de Ferenczi (autor muito presente, embora nem sempre referido nominalmente, no desenvolvimento da obra winnicottiana), os estudos sobre a Contratransferência de Heimann, Hacker e do próprio Winnicott, abrem caminho para a *3 bodie's psychology*, ou seja, as discussões a respeito do terceiro espaço e o campo de relação triádico na análise.

Ao longo dos anos, Winnicott trabalhou a questão de como o indivíduo se desenvolve: do caminho da dependência absoluta para a dependência relativa e desta rumo à independência *nunca* realmente alcançada. Para percorrer esta linha da vida, e tornar-se um ser em desenvolvimento, o autor enfatiza a presença da mãe suficientemente boa, que proporciona e sustenta no tempo e no espaço a experiência do bebê de uma contínua integração psicossomática.

O autor examina a doença como uma inibição da espontaneidade potencial que caracteriza a própria substância da vida da criança. Então, estas *quebras, distorções* causadas na relação primitiva mãe-bebê, provocam sensações que a criança não consegue entender e processar de maneira satisfatória, devido ao seu estado de imaturidade inicial. Conseqüentemente, não

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicoterapeuta Especialista em Psicoterapia Psicanalítica de Adultos, Adolescentes e Crianças pela PUC/RS. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica da Infância e Adolescência pelo CIPT e Especialista em Psicanálise das Configurações Vinculares - Casal e Família - pelo CIPT. Professora e Supervisora do Contemporâneo - Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Endereço para correspondência: [karlamferraro@terra.com.br](mailto:karlamferraro@terra.com.br)

encontra um lugar dentro de si para tais experiências, o que as transforma em lacunas na experiência do ser, vivências de morte ou ausência do objeto.

Aqui Winnicott trabalha com o valor positivo da ilusão. Dito de outra forma, a mãe através de sua adaptação ao bebê oportuniza que o seio dela faça parte do bebê. Neste sentido, esta mãe dos estados tranquilos permite que seu bebê dependa duplamente, pois este depende e desconhece que depende. Observamos aí a importância de uma relação estável com o ambiente: a mãe está onde deveria estar e, ao mesmo tempo, o bebê não-integrado, tem a oportunidade de conceber naquele exato momento o objeto mãe-seio, que está ali para ser criado e encontrado, estabelecendo uma primeira ponte com a realidade exterior.

Nestas idas e vindas, de criações onipotentes e ilusões, o simbólico vai sendo encontrado e, ao longo dos meses, através da tarefa gradativa da mãe de desiludir seu pequeno bebê, o objeto torna-se objetivamente percebido. Com isso a criança vão adquirindo condições de sobreviver a destruição do objeto, porque também ele sobrevive a sua destruição, e também de reconstruí-lo, usá-lo e destruí-lo novamente como melhor lhe convier.

Como refere Winnicott (1951/1975):

Desde o nascimento, portanto, o ser humano está envolvido com o problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido e, na solução desse problema, não existe saúde para o ser humano que não tenha sido iniciado pela mãe. A área intermediária a que me refiro é a área concedida ao bebê, entre criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste de realidade. Os fenômenos transicionais representam os primeiros estágios do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser humano, significado na idéia de uma relação com um objeto que é por outros concebido como externo a esse ser. (p.26)

Winnicott manteve-se sempre interessado nesta terceira zona, na zona intermediária, na primeira possessão não-eu entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido pelo indivíduo. Ensinou-nos, através de seus vários relatos de casos clínicos, que o diálogo transicional, o espaço entre o analista e seu paciente, deve ter cuidado especial com o narcisismo do mesmo, bem como manter a comunicação de ambos dentro da órbita de onipotência do indivíduo, ou como encontramos em suas próprias palavras:

[...] se a brincadeira não se acha nem dentro nem fora, onde é que

se acha? (Winnicott, 1967/1975, p.134)

## REFERÊNCIAS

WINNICOTT, D. W. (1951/1975). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: \_\_\_\_ **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1975. P.13-44.